

## O LÍRIO REBELDE

Reynaldo Valinho Alvarez<sup>■</sup>

Ah, lírio tão rebelde , flor selvagem,  
que não se curva ao corte. Ah, que delírio,  
a força que isto tem. Ah, que tragédia,  
uma vida vivida em vã comédia,  
como que em coma e cólica existida.  
Viver do não, viver do sim, da ousada  
vontade que se afirma e é quase nada.  
Ah viver sempre assim, sempre do não  
ou do sim, mas viver, como quem anda,  
com uma bengala ou um guarda-chuva à mão,  
seguro de encontrar a condução.  
Ah, viver de verdade. Não fingir,  
mas viver uma vida. E não fugir.  
Há nisto muito mais do que paixão.

\* Galope do Tempo, Tempo Brasileiro, Rio 1997

## **Ao Amigo Mário Giambiagi**

✧ 25 de novembro de 1928 † 8 de março de 2002

Alfredo Marques

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas – CBPF/MCT  
Rua Dr. Xavier Sigaud, 150  
22290-180 – Urca, Rio de Janeiro, RJ - Brasil

O sentimento de perda não é assimilável, seja qual for o caso. Apenas é deslocado da lembrança diária para ocupar recanto do coração onde fique bem escondido, silenciado, sufocado, se preciso. Nem sempre, entretanto, o ardil se recomenda: é o caso das pessoas cuja atuação em vida foi de tal modo intensa e marcante que seu exemplo se torna indispensável para adentrar as névoas que se formam no caminho da sobrevivência. É preciso cultivar o exemplo legado, reproduzi-lo, renová-lo a cada instante, sob risco da perda inexorável do rumo.

Mário foi reconhecido como uma personalidade forte pela maioria das pessoas que conviveram com ele. Para mim, entretanto, seus traços pessoais mais destacados foram a sinceridade, a retidão, a fidelidade irretocável a seus princípios.

De suas realizações científicas posso dizer pouco, mas recordo a apreciação e reiterado elogio que ouvi de especialistas em sua área de trabalho no curso de nossa longa convivência. Pessoalmente testemunhei a força de sua participação na construção dos recursos de computação no CBPF. Foi quando um grupo da casa instalou a linguagem de alto nível no computador Remington 1120 que o IBGE havia adquirido para processar o Censo de 1960. Dirigia o computador um velho amigo meu, colega no setor de Censo Demográfico do Censo de '50. *Martiniano Barbosa Moreira* nos franqueou o uso da máquina durante algumas horas diárias para aquele propósito. É bom que se diga que um computador a válvulas termoiônicas não tem a estabilidade e confiabilidade das unidades modernas a circuitos integrados e que, muito embora tivéssemos a assistência eficaz de engenheiros da Remington, nem sempre essa assistência estava disponível e nem sempre reconhecia o problema dentro de sua área de competência. De certo modo cada um tinha de encontrar soluções mais ou menos próprias para o equacionamento e condução de seus problemas, e a cada passo alguém descobria um pequeno truque cujo alcance ultrapassava seu horizonte particular, alargando assim o campo de utilidade da máquina. Mário e Myriam Giambiagi se ocupavam da estrutura molecular de compostos químicos do grupo da Piridina, longos cálculos que muito exigiam do computador e da organização do programa. Os dois foram incansáveis e desempenharam um papel muito importante para a qualificação daquele instrumento de cálculo – único até que o CLAF doasse ao CBPF um computador IBM 1620, alguns anos mais tarde.

Durante muitos anos experimentei o calor de sua amizade, mas também a energia de sua crítica e até do radical rompimento. Tive o privilégio de ser convidado pelo casal para padrinho de seu primogênito, Fabio, e a alegria de vê-lo figurar hoje entre brilhantes economistas brasileiros da geração jovem, promessa segura de um futuro auspicioso pelo

qual seus pais e nossa geração tanto se empenharam. Mas amarguei também a dissidência e recebi na pele o açoite cortante de Mário durante episódio em que nossa divergência foi além da retórica. E tive a alegria de ver apagados quaisquer travos de ressentimento, quando restauramos muito naturalmente, sem alardes, nossos laços de amizade, mantendo os corações acima das disputas do cotidiano. Essa grandeza que encontrei no Mário valorizou muito nossa amizade, quando ela já ia avançada, beirando os cinquenta anos. E assim continuamos os amigos de sempre, partilhando emoções e preocupações até o desfecho final. Sinto falta do jeito amável, da face risonha, da crítica dilacerante, da opinião franca, da espontaneidade na revelação e discussão do pensamento.

Mário me deixa um exemplo caro de retidão e inflexibilidade na defesa dos princípios em que se acredita. Mais que nunca, parece-me, esses méritos devem ser hoje observados e imitados. É que as imprecisões semânticas das palavras não servem hoje apenas à poesia, mas também ao discurso ambíguo, aparentemente lógico, mas muitas vezes equivocado, distante de qualquer referência aceitável com alcance além das fronteiras sinuosas dos interesses pessoais. “Entre o certo e o errado não pode haver meio termo” bradava Ruy Barbosa do alto de prestigiada reputação. Vãs palavras. Não só há um como eventualmente mais de um, sobremodo no discurso plurivalente, hiperbólico, sem referências ao real que possam levantar as ambigüidades. Neste momento a contundência de Mário se torna um guia até mesmo necessário aos que não se conformam com a posição de espectadores loquazes dos acontecimentos, os que não podem simplesmente aguardar que as definições se apresentem por intermédio de mãos invisíveis, mas que as buscam, e aceitam os riscos de assumi-las, como o fez Mário durante toda vida.

Francis Fukuyama em discutida monografia vaticinou o final da História e o aparecimento de um novo homem consistente com esse fim. Trata-se de uma versão do ser humano onde os arroubos da vontade foram minimizados. Acaso e necessidade, seus motivadores no passado, recebem agora o controle de um gerente eficaz: uma Burocracia onipresente, dispondo de arsenal competente de capital, recursos humanos, científicos e tecnológicos. O novo homem domesticaria sua vontade de realização e abriria mãos dos instrumentos históricos que urdiram a civilização, como a associatividade, formadora de grupos de reivindicação no trabalho, nas academias, nas ruas, e a solidariedade que torna suas as dificuldades que afetam seus semelhantes, em resumo, tudo aquilo que se entende como “capital social”, desnecessário no capítulo final da História. O “animal político” de Aristóteles cederia espaço para um ser humano com as satisfações básicas preenchidas pela Burocracia, a realização individual condicionada ao consumo de bens e serviços liberados por ela, tudo em clima dominado por tímidos gestos de apoio ou oposição, por contidas manifestações de talento, genialidade, indignação ou aclamação, enfim um comportamento médio de variância muito estreita. Idéias reformistas que encontrem na própria estrutura da organização as deficiências que impedem o sistema de crescer para incluir novos membros sem aumentar a entropia, nem pensar. Enfim, algo muito parecido ao que na física entendemos por “morte térmica do universo”. Quais, entretanto, os prognósticos atuais ?

O discurso ambivalente, a omissão premeditada da informação, ensejam e alimentam a anestesia das pessoas e mesmo das nações diante de qualquer extravagância do cotidiano. Usando o discurso ambivalente as figuras de agredidos e agressores são intercambiadas, o direito de minorias privilegiadas passa a ser entendido como democraticamente estendido a todos, o genocídio se torna tolerável diante do terrorismo, como se as opções do ser humano fossem entre um horror e outro, etc, etc. Em princípio essas características favorecem o aparecimento do homem terminal e do fim da História,

mas subitamente a força bruta reaparece como elemento de condução histórica dos acontecimentos. Sob a vigência da paz das armas e do discurso ambivalente o perplexo Fukuyama assiste ao desmonte de suas previsões: a “morte térmica” do planeta unipolar vê-se subitamente afugentada pela assombração do “big crunch”. É bem verdade, acredito, que se dependesse dos Mario Giambiagi da vida nenhum dos dois finais nos assombraria .

Nunca os temperamentos sensíveis e destemidos como o de Mário Giambiagi foram tão necessários para o confronto com as falsificações da ambivalência. Com a indignação à flor da pele jamais vacilou na condenação do abuso ou incoerência autoritária, da desigualdade, da omissão oportunista, do discurso falsificador; se em momentos exagerou, ultrapassando limites, seus acertos compensaram os excessos, ficando, de meu ponto de vista, inteiramente justificados ante a alternativa do silêncio.

No coração humano não acontece o câncer. Talvez por isso sua longevidade, sua eterna juventude. Nele coabitam sonhos, fantasias, paixões, frustrações, devoções, cores e sons, da infância, da juventude, da maturidade. Seguro de sua eternidade, teima em provocar renovações ao preço da ansiedade e, muitas vezes, desconcerto de seus donos. Desse modo o coração de cada um busca mantê-lo sempre jovem e aqueles que aceitam seus desafios domesticam os desgastes que a idade impõe ao físico, alongando a juventude. Essa circunstância é indispensável ao diálogo com as novas gerações, do qual resulta o confronto e filtragem das idéias articulando a transição para o futuro. Essencialmente um diálogo entre jovens, as diferenças de idades niveladas pelos corações, com todo o vigor, empenho, experiência e energia criativa que seus interlocutores detêm. Mário Giambiagi deixou o exemplo de um incansável participante desse diálogo: coração jovem, destemido, aberto à disputa, comprometido com o progresso e com a felicidade, coração que nunca barganhou comodidade em troca da renúncia aos princípios pelos quais viveu; estes, espero que sobrevivam e se apresentem num futuro radioso e não muito distante.

Até lá sofremos pacientemente sua ausência.